

SEGURANÇA E CONDUTA PESSOAL

*“Uma brincadeira com uma arma de fogo acabou da pior maneira num bar em Grândola, com um soldado da GNR a desfechar um tiro na sua própria cabeça, soube o **Correio da Manhã**.*

O acidente teve lugar por volta de uma hora da manhã de ontem num bar da vila de Grândola e foi presenciado por um colega da vítima e um grupo de mais de cinco pessoas.

Os dois soldados da GNR, ambos a prestar serviço no posto territorial de Grândola, estavam a conversar sobre armas de fogo, quando, um deles pediu ao colega a arma pessoal emprestada para, segundo consta, mostrar um “truque novo”.

Fonte do Comando Geral da GNR disse que o guarda Luís Fernando Branco Nunes, de 29 anos, alistado na corporação desde 1993 retirou as munições que estavam no tambor do revólver.

Todavia, tudo leva a crer que uma bala .32 ficou esquecida no tambor e quando o militar levou o revólver à cabeça e premiu o gatilho foi atingido mortalmente, perante a estupefacção de todos os presentes. O militar da GNR ainda foi evacuado para uma unidade hospitalar, mas chegou cadáver.

O mesmo responsável do Comando Geral da GNR, em Lisboa, adiantou que o soldado falecido estava fora de serviço, assim como o camarada. Recorde-se que este não foi o primeiro acidente com armas de fogo manuseadas por agentes de autoridade em aparentes brincadeiras que acabam por culminar em morte.”

In Correio da Manhã de 17DEC96

1. A SEGURANÇA NO USO DE ARMAS DE FOGO

Talvez este exemplo sirva de alerta quando não é atribuída a devida importância a um princípio irreduzível que deve estar sempre presente em todos aqueles que fazem uso de armas de fogo, com especial incidência nos militares de uma Força de Segurança. A segurança é, efectivamente, uma das suas principais responsabilidades. A inobservância das suas mais elementares regras pode conduzir à situação que aqui se reproduz.

A segurança é um conceito que aparece intimamente ligado ao de arma de fogo. Com efeito, se perguntarmos a alguém o que tem a dizer sobre as armas de fogo, aquele que se sente incomodado com o assunto dirá que todas as armas são perigosas. Esta opinião é partilhada por aquele que a elas está habituado, pois caso o não fossem seriam inúteis. Na realidade, as armas, por si só, são ferramentas inofensivas e inertes, até que alguém lhes toque, razão pela qual se costuma dizer que não existem armas perigosas, as pessoas é que são perigosas. Uma pessoa qualquer que veja uma arma carregada pode-a considerar perigosa, contudo a segurança é da responsabilidade do utilizador e não tanto de quem o está a observar.

A segurança com as armas de fogo deve significar que apenas o adversário, ou o alvo de papel que se encontra numa carreira de tiro, se encontra em perigo de vir a ser alvejado, e nada nem ninguém para além disso.

A segurança - a todos os níveis -, é um processo mental que deve ser aprendido e praticado para que seja efectivo. Os acidentes que ocorrem não podem ser prevenidos com leis ou sistemas de segurança demasiado seguros que tornem as armas de fogo em instrumentos de pouco valor tático, ou mesmo inúteis. Os acidentes com estas armas são causados pela inépcia e pelo descuido negligente do seu manuseamento, por intermédio de pessoas que não possuem o necessário estado de espírito que lhes permita ter esta preocupação sempre presente.

As armas não disparam por elas próprias, alguém, ou algo, faz com que elas disparem. As armas que são disparadas inadvertidamente ou acidentalmente causam grandes embaraços, quando não, tragédias. Quando tal acontece torna-se mais fácil para o prevaricador culpar a arma que admitir o erro e aceitar a responsabilidade do mesmo.

Disparos acidentais não são de forma alguma “acidentes”, eles são causados pela negligência e devem antes ser sempre apelidados de **disparos negligentes**. Esta constatação remete-nos para a conduta pessoal do militar, para a sua atitude, assunto a abordar mais à frente.

A fim de minimizar a ocorrência deste tipo de disparos, o ensino da moderna técnica de tiro tem reservado uma parte dedicada em exclusivo à compreensão das regras de segurança. De entre todas as que possamos considerar, talvez a mais importante, a regra de ouro relativamente à segurança, é: **nunca colocar o dedo no gatilho, a não ser quando pretenda fazer tiro**.

Não obstante a sua importância, e uma vez que as regras devem ser vistas numa perspectiva de complementaridade, aqui ficam quatro sugestões claras, concisas e fáceis de lembrar:

- **Regra um:** *Todas a armas estão sempre carregadas.* Temos muito mais confiança com uma arma que sabemos estar carregada, pois se tal não acontecer tornam-se inúteis. Por esta razão devemos sempre partir do pressuposto de que a arma está sempre carregada;
- **Regra dois:** *Nunca aponte a arma a ninguém, se não for para fazer tiro.* Se alguém lhe apontar a arma tem de partir do pressuposto de que está pronto para o atingir, pelo que tem todo o motivo para reagir agressivamente contra ele(a). Quando tal sucede, a desculpa habitual é que “a arma não está carregada”. Deveria então ter em atenção a regra um. Uma exceção a esta regra, ocorre quando, por razões evidentes, não se pretende disparar sobre o adversário, mas torna-se necessário intimidá-lo ou dar-lhe a ordem de largar a arma que tiver empunhada. Se por acaso se confirmar que a pessoa está inocente ou não há razão para continuar com aquele procedimento, então baixa-se a arma. Contudo, quaisquer problemas poderão facilmente ser prevenidos, através da observação da regra três;
- **Regra três:** *Mantenha o dedo fora do gatilho até que as miras estejam no alvo.* Lembre-se que num cenário tático, as miras ainda não estarão no alvo, sendo esta a última possibilidade que há de prevenir quaisquer tiros inadvertidos. Mesmo (e sobretudo) em deslocamento o dedo que acciona o gatilho deve estar sempre colocado ao longo do guarda-mato;
- **Regra quatro:** *Certifique-se do seu alvo e do que está por trás dele.* Não dispare para um som ou um barulho, certifique-se sempre que se trata do alvo para o qual quer atirar.

Conforme se pode facilmente concluir, nenhuma destas regras se baseiam em dispositivos de segurança, mas antes num adequado estado de espírito o qual deve ser sempre observado quando se manuseiam armas.

1.1 Instruções de segurança

A preocupação com a segurança começa logo que se toma contacto com uma arma. Mas antes de a manusear deve ler-se atentamente o manual de instruções, com particular atenção às medidas de segurança preconizadas, o que permite ao utilizador conhecer tudo aquilo que o fabricante considera essencial para uma correcta utilização da sua arma. A razão para tal é, fundamentalmente, evitar que um manuseamento impróprio ou descuidado da arma possa resultar no tiro inesperado (não intencional) podendo, em consequência, causar ferimentos, danos patrimoniais ou mesmo a morte do atirador ou de outra qualquer pessoa. As mesmas consequências podem também advir de modificações não autorizadas, corrosão, ou utilização de munições danificadas ou não aconselhadas.

Apesar das armas serem testadas, inspeccionadas e empacotadas antes de saírem da fábrica, o fabricante aconselha sempre ao potencial utilizador que a inspeccione cuidadosamente, a fim de se assegurar de que não está carregada ou avariada, reforçando assim a preocupação relativamente à segurança.

Conforme se pode constatar, o próprio fabricante chama desde logo a atenção do utilizador para que confirme se a arma está ou não descarregada, uma vez que, sem a menor dúvida, **uma arma descarregada e em segurança é a arma mais segura**. Neste aspecto particular,

mais que em qualquer outro, todo o cuidado é pouco. O militar deve ter extremo cuidado ao manusear a arma. Como é sabido, e de acordo com o artigo transcrito, os acidentes ocorrem muito rapidamente e ferir ou matar alguém pode ter consequências muito graves.

Para segurança do utilizador e de terceiros, é sempre conveniente proceder de acordo com as seguintes instruções de segurança:

- Nunca esquecer que uma arma de fogo é um instrumento de defesa, pelo que só deve ser utilizado para repelir uma agressão actual ou iminente, em legítima defesa ou de terceiros, esgotados que tenham sido quaisquer outros meios para o conseguir;
- O utilizador de qualquer arma de fogo deve estar perfeitamente apto a manuseá-la, conhecer o seu funcionamento, montagem e desmontagem e a efectuar as operações de segurança;
- Todo o militar deve estar seguro de que conhece e sabe pôr em prática os princípios da técnica de tiro;
- Quando pegar na arma manuseá-la sempre como se estivesse carregada;
- Não confie na memória nem na palavra de alguém. Uma arma deve sempre considerar-se como estando carregada e pronta a fazer fogo, até ao momento em que o utilizador se assegure pessoalmente do contrário, executando as operações de segurança;
- Excepto em situações de serviço que assim o exijam¹, uma arma de fogo deve ser sempre transportada em segurança e sem munição introduzida na câmara;
- Introduza apenas a munição na câmara quando estiver pronto para atirar a um alvo conhecido e seguro;
- Sempre que empunhar uma arma, qualquer que seja o propósito, aponte-a numa direcção segura, desarme o cão e verifique se está descarregada;
- Nunca apontar a arma a alguém ou algo - excepto em situações imperiosas de serviço -, se não pretende fazer fogo, mesmo sabendo que está descarregada;
- Nunca aceite, devolva ou pose uma arma sem que esteja descarregada, com o cão desarmado e com o tambor aberto (no caso dos revólveres);
- Verifique com frequência o estado de conservação e limpeza da sua arma, pois só assim poderá prevenir futuras avarias, que teriam consequências graves em situação de crise. Tenha especial atenção ao bom funcionamento e desobstrução do carregador, corredeira/culatra, câmara e cano;
- Ao terminar o serviço, se possível, guarde a arma na arrecadação de material de guerra;
- Não leve a arma para a caserna, nem a deixe guardada no armário;
- Não se iniba de chamar à atenção ou repreender um seu camarada ou subordinado, sempre que verificar que estão a ser desrespeitadas as normas elementares de segurança;
- Ao guardar a sua arma em casa, descarregue-a e efectue as operações de segurança, coloque-a num local onde seja inacessível a qualquer outra pessoa, em especial a crianças, de preferência num compartimento fechado à chave. A arma e as munições devem ser guardadas em locais separados;
- Não abandone nunca a sua arma, pois pode ser usada contra si;
- Nunca deixe a arma em local onde possa ser facilmente furtada, como por exemplo no porta-luvas do carro;
- Quando trajar à civil, transporte a sua arma num local dissimulado. Deve de preferência usar uma “sovaqueira”;
- Nunca trepe ou salte um obstáculo, com munição introduzida na câmara da arma;

¹ Estas situações são as decorrentes do enquadramento legal (em particular o DL n.º 457/99 de 05 de Novembro). A ordem de introdução de munição na câmara será dada pelo Cmdt da força que estiver empenhada ou, na sua impossibilidade, deverá ser o próprio militar, mediante a análise que fizer da situação envolvente, a decidir.

- **De igual modo, nunca, em circunstância alguma, aponte a arma para si;**
- Quando transportar a arma na mão, nunca deixe que qualquer parte da mão ou outro objecto toquem no gatilho;
- Nunca deixar a pistola pronta a fazer fogo, se essa não for a sua intenção;
- Utilize sempre munições de qualidade e do calibre apropriado para a sua arma;
- Nunca ingira bebidas alcoólicas ou drogas antes ou durante a realização do tiro;
- Utilize sempre óculos de protecção e protectores de ouvidos durante o tiro;
- Tenha sempre a patilha de segurança em segurança e o cão abatido, apenas alterando esta posição quando estiver pronto para fazer tiro. Mantenha a arma apontada numa direcção segura - linha de alvos ou espaldão - quando colocar a patilha de segurança em fogo;
- Contar os disparos para saber as munições que ficam no carregador, para que se possa, numa acção rápida, trocar de carregador enquanto existe munição na câmara;
- Mantenha-se fora da zona normal de ejeção dos invólucros, afastando da mesma eventuais camaradas que estejam perto de si;
- Nunca premir o gatilho ou colocar o dedo no guarda-mato, se não tiver em condições de apontar a um alvo e fazer fogo;
- Tenha sempre absoluta certeza quanto ao seu alvo e à zona por detrás dele, antes de premir o gatilho. Um projectil pode percorrer uma distância de várias dezenas/centenas de metros, para além do alvo - se o espaldão não o retiver -;
- Nunca dispare contra uma superfície dura, como rocha ou aço, ou uma superfície líquida, como água;
- Nunca dispare perto de um animal, a não ser que esteja treinado para aceitar o som produzido;
- Nunca incorra em “brincadeiras” quando tiver a sua arma empunhada;
- Em caso de falha de disparo, mantenha sempre a arma apontada ao alvo, ou para uma área segura, e espere 10 seg. Se por acaso ocorreu uma falha na ignição da munição, retardando a mesma, o disparo pode ocorrer passados 10 seg. Se, após transcorrido este tempo a situação se mantiver, accione novamente o gatilho. Se mesmo assim não ocorrer o disparo, e o motivo não seja visível (como poderia acontecer se não tivesse havido extracção completa, e o invólucro estivesse a impedir a introdução da munição seguinte) deve-se proceder de acordo com a seguinte sequência:
 - ◆ Colocar a patilha/comutador de segurança em segurança,
 - ◆ Retirar o carregador,
 - ◆ Puxar a culatra/corrediça à retaguarda,
 - ◆ Retirar a munição e examiná-la, a fim de determinar se houve ou não percussão. Se não houve, a causa pode ficar a dever-se ao percutor estar partido, pelo que é aconselhável fazer com que a arma seja observada pelo mecânico de armamento. Se houve, a causa é a munição.
- Assegure-se sempre que a sua arma não está carregada antes de a limpar ou guardar;
- Não efectue modificações na arma, pois o mecanismo de segurança e o seu próprio funcionamento podem ser afectados;
- Tenha sempre particular atenção a sinais de corrosão, utilização de munições danificadas, deixar cair a arma no chão, ou outro qualquer tipo de tratamento inapropriado, pois tal pode causar estragos imperceptíveis. Se tal acontecer entregá-la ao mecânico de armamento da Unidade para que seja vista;
- Nunca abusar da utilização da arma, para fins distintos da realização de tiro (real/“em seco”);
- Não deixe que lhe aconteça a si, ou junto de si, acidentes em que posteriormente diga ou oiça dizer “pensava que a arma estava descarregada!...”;

- NÃO LEIA apenas estas regras básicas!, PRATIQUE-AS e obrigue quem estiver junto a si a fazê-lo.

Pense sempre que o primeiro e mais importante aspecto da segurança de qualquer arma é o atirador. Todos os dispositivos de segurança são mecânicos e o atirador é o único que põe a arma em fogo/segurança. Não confie naqueles dispositivos, pense de forma prevista e evite situações que possam provocar acidentes.

Pelo facto das armas se distinguirem pelo seu manuseamento, o atirador nunca deve disparar com a arma antes de com ela se ter familiarizado. É necessário estudar o seu funcionamento e praticar o seu manejo, sem a carregar - exercícios “em seco” -, para se familiarizar com ela.

1.2 Operações de segurança

Tal como o próprio nome indica, as operações de segurança consistem num conjunto de procedimentos sistematizados cujo objectivo é garantir ao atirador que a sua arma se encontra em segurança.

Independentemente de noutros casos serem necessárias, as operações de segurança executam-se obrigatoriamente nas seguintes situações:

- Sempre que se manuseia uma arma;
- Sempre que se levanta ou entrega a arma na arrecadação, no acto da sua recepção ou guarda;
- Antes e depois da limpeza;
- Antes de executar qualquer operação de desmontagem;
- Imediatamente após a execução de tiro;
- Após o regresso de qualquer serviço em que se utilize a arma;
- Ao entregar a arma a um camarada por motivo de serviço.

A fim de verificar se uma arma está descarregada, as operações deverão ser executadas respeitando a seguinte sequência:

- Colocar a patilha de segurança/comutador de tiro na posição de segurança;
- Retirar o carregador;
- Puxar a corrediça/manobrador à retaguarda para verificar se existe munição na câmara, verificação essa que deverá ser visual e física² (pela introdução do dedo na câmara);
- Levar a corrediça/manobrador à frente;
- Colocar a patilha de segurança/comutador de tiro em posição de tiro;
- Efectuar um (e só um) disparo de segurança em direcção segura;
- Voltar a colocar a patilha de segurança/comutador de tiro na posição de segurança;
- Introduzir o carregador, verificando se este está desmuniado.

1.3 Segurança na Carreira de Tiro

As regras de segurança enunciadas devem ser tidas em consideração quando nos encontramos numa Carreira de Tiro (CT), local destinado à prática de tiro. De entre elas, sublinham-se as que se seguem, com alguns procedimentos específicos.

- 1.º Na CT, todos os procedimentos são ordenados por quem dirige o tiro;
- 2.º É expressamente proibido manejar as armas sem ter sido para tal autorizado;

² Esta verificação física auxilia o atirador a reconhecer a sensação que lhe é transmitida pelo toque do dedo numa câmara com/sem munição. Isto é particularmente importante quando se conduzem operações em condições de fraca visibilidade.

3.º Na CT é obrigatório o uso de protectores de ouvidos (auriculares) já que:

- O som, que é uma perturbação periódica e agradável, por vibração do ar, converte-se em barulho ou ruído, quando a sua tonalidade, timbre e intensidade aumentam até alcançar níveis que o tornam desagradável;
- A quantidade mínima de décibéis (dB) de um disparo é, então, um ruído, pois atinge, normalmente, valores acima de 115 dB, valor esse que se enquadra na chamada “zona muito perigosa de audição”, como se pode observar no quadro seguinte:

Grau de perigo para a audição humana	Exemplo e décibéis registados
Zona muito perigosa	<ul style="list-style-type: none"> • Reactor de avião (120/140 dB) • Disparo (110/120 dB)
Zona perigosa	<ul style="list-style-type: none"> • Banda Rock (100/110 dB) • Walkman (90/100 dB)
Zona desagradável	<ul style="list-style-type: none"> • Trânsito de uma cidade (70/90 dB)
Zona agradável	<ul style="list-style-type: none"> • Conversação normal (45 dB)

- Se ao ruído provocado pelo disparo (que acaba por destruir as células responsáveis pela transformação das vibrações sonoras em impulsos nervosos), juntarmos a destruição que essas células sofrem à medida que a idade aumenta, conclui-se que estão reunidas as condições para o aparecimento da surdez;
- Todo o atirador deve, aquando da execução das tabelas de tiro, usar dispositivos para limitar esse ruído, provocado pelos disparos, tais como protectores de ouvidos ou tampões-esponja..



4.º Quando não estão a ser manuseadas, as armas devem estar com:

- A corredeira/culatra à retaguarda (ou, no caso dos revólveres, com o tambor aberto);
- A patilha/comutador de tiro em segurança e visível;
- Cano direccionado ao alvo – quando não estiverem nos coldres -;
- Janela de ejeção virada para cima (Espingarda Automática G-3 e pistolas metralhadoras);



É ainda admissível que as pistolas sejam transportadas nos coldres, mas sempre com a corredeira à retaguarda, sem munição na câmara e sem carregador. As pistolas apenas não estão assim acondicionadas aquando da execução de tiro.

Cabe a quem dirige o tiro determinar qual a modalidade a adoptar.

- 5.º Mesmo depois da explicação do exercício, em caso de dificuldade de compreensão, é importante realizar uma sessão de ensaio de tiro “em seco”;
- 6.º Quando for ordenado o sacar da arma (na modalidade de tiro policial) esta deve ficar dirigida para a frente e para o solo, com uma inclinação de 45º;
- 7.º Enquanto o atirador não estiver a executar o tiro, deve manter o dedo indicador ao longo do guarda-mato, evitando assim disparos involuntários;



- 8.º No caso de se efectuar tiro com movimento, um meio expedito para reforçar as condições de segurança, a fim de evitar um disparo fortuito, é colocar o dedo polegar da mão fraca (mão que auxilia aquela que empunha a arma) entre o cão e o percutor.



- 9.º Para realizar qualquer operação, nunca apontar a arma em outra direcção que não seja a do alvo;



10.º Durante a execução do tiro com pistola, evitar o “hábito” de, após o disparo, observar o alvo, apontando a arma para o próprio pé do atirador;



11.º Ter particular atenção à colocação do dedo polegar esquerdo sobre o outro polegar e nunca sobre o pulso direito (pois a corredeira ou o cão, ao virem à retaguarda podem ferir a mão esquerda do atirador);



12.º Durante a execução do tiro com espingarda ou com pistolas metralhadoras, os atiradores esquerdinos devem ter particular atenção à colocação do dedo polegar direito (nunca sobre a janela de ejeção);



- 13.º A execução de tiro não deve ser conduzida em ambiente repressivo, de maneira a permitir que os atiradores estejam concentrados na execução das técnicas e na observação dos cuidados de segurança. Ao contrário do que por vezes se pensa, um ambiente de tensão e nervosismo³ conduz facilmente à perda de segurança, além de se reflectir negativamente nos resultados do tiro.
- 14.º Quando houver qualquer interrupção na execução do tiro, tomar sempre os seguintes procedimentos, adaptando-os às várias armas:
- Aguardar 10 seg. e efectuar novo disparo, pois a primeira percussão do fulminante pode não ter sido bem efectuada;
 - Colocar a patilha/comutador de tiro em segurança;
 - Retirar o carregador;
 - Puxar a corredeira/culatra à retaguarda;
 - Tentar identificar e solucionar a avaria. Caso não seja possível, levantar o braço livre, chamando a atenção de quem estiver a dirigir o tiro, aguardando que este se lhe dirija;
 - Em todo este processo a arma e o atirador estão sempre direccionados para a linha de alvos.
- 15.º Fora da linha de tiro a arma está sempre no coldre ou devidamente acondicionada;
- 16.º Se tem que manusear a arma fora da linha de tiro deve:
- Pedir autorização a quem estiver a dirigir o tiro;
 - Transportar a arma desmuniada e descarregada;
 - Afastar-se dos camaradas e dirigir-se para zona segura; previamente definida pelo director de tiro, ou instrutor que estiver a dirigir o tiro.
- 17.º Após haver terminado o manuseamento deve pedir autorização para se reintegrar, transportando a arma da mesma forma quando saiu da linha de tiro;
- 18.º Quando estiver terminada cada série/sessão de tiro, tomar sempre os seguintes procedimentos, adaptando-os às várias armas:
- Colocar a patilha/comutador de tiro em segurança;
 - Retirar o carregador;
 - Puxar a corredeira/manobrador à retaguarda, fixando-a/o;
 - Colocar a arma em cima da banqueta de tiro ou outro local previamente definido pelo director de tiro, ou pelo instrutor que estiver a dirigir o tiro;
 - Recuar cerca de 2 metros e municiar o carregador vazio;
 - Aguardar a voz de ir “aos alvos”. Após esta, deslocar-se até à frente do alvo e verificar o resultado obtido - na CT de 100 metros o atirador não se desloca aos alvos, pois o resultado é-lhe dado através do apontador/pastilheiro e confirmado via rádio -;
 - Aguardar a voz de regressar “às linhas” - após esta, deslocar-se até à linha -;
- 19.º Quando estiver terminada a sessão de tiro, quem dirige o tiro deve dar indicações a todos os atiradores para:
- Efectuarem as operações de segurança;
 - Acondicionarem novamente as armas nos locais onde foram transportadas;
 - Certificarem-se de que nada fica esquecido e que a CT continua limpa.

³ Não obstante, este ambiente de tensão e nervosismo é adequado para o treino de situações que possam vir a ocorrer, contribuindo para criar um maior realismo. Por esta razão, esse treino apenas deve ser conduzido numa fase posterior à técnica de tiro e ao tiro em CT. Após a apreensão destes pressupostos, pode-se então partir para a criação daquelas situações.

2. A ATITUDE DO MILITAR

A natureza específica da missão da GNR faz com que a atitude do militar, no que diz respeito às armas de fogo e sua posse, seja desenvolvida no sentido de ir de encontro a algumas considerações que irão aqui ser tecidas. A prática e adopção de uma atitude correcta constituirá um forte contributo para minimizar as possibilidades de ocorrência de acidentes.

Para além das limitações legais já referidas, sempre que se trate do emprego de armas de fogo ou outros meios mortíferos, o militar deve ainda observar o seguinte:

- Ser conhecedor das condições em que pode “abrir fogo”, procurando, quando tal for absolutamente necessário, e sempre que possível, ferir e não matar;
- Antes de “abrir fogo”, e sempre que possível, avisar o Adversário (ADV) no mínimo três vezes, de que se vai recorrer a esse meio. Para tal, é preciso ter a percepção que o próprio acto de introduzir munição na câmara pode ter um efeito psicológico sobre o presumível infractor, tendo em atenção que ao municiar aponte sempre a arma em direcção segura e nunca directamente para o adversário ou para qualquer outra pessoa;
- Procurar avaliar o local onde se vai “abrir fogo”, incluindo o disparo de aviso para o ar, visto que nos centro urbanos, há possibilidade de atingir inocentes, dentro ou fora do local da actuação;
- Não abandonar nunca a arma, a qual deve estar sempre em contacto físico com o atirador nem mudá-la de mão para efectuar qualquer operação. Por regra, **a mão que empunha a arma nunca a deve largar**, servindo a outra para a execução das operações que forem necessárias;
- Se for necessário disparar contra uma viatura em fuga, tomar uma posição o mais baixa possível - de joelhos ou deitado - e apontar para os pneus da mesma, nunca directamente para o habitáculo dos passageiros. A utilização da arma nestas circunstâncias deve ser condicionada à legislação vigente.
- É totalmente interdito o fogo de “rajada”;
- Ao ser alvejado de local incerto, é interdita a abertura imediata de fogo, pois o procedimento correcto será procurar abrigo e tentar localizar a ameaça para posterior neutralização;
- Deve praticar o disparo e o municamento com a mão fraca porque pode ter essa necessidade em virtude de, por exemplo, ter sido ferido na mão forte (mão que empunha a arma);
- Neste sentido, deve também praticar a montagem, desmontagem e municamento da pistola com uma só mão;
- Em situações de alteração da Ordem Pública, as armas devem ter o carregador municado e introduzido, a câmara sem nenhuma munição e a patilha de segurança/comutador de tiro em segurança. A ordem de introdução de munição na câmara só deve ser dada pelo comandante das forças empenhadas e apenas quando houver fortes probabilidades de emprego das armas de fogo, já que em ambientes de grande tensão, qualquer provocação poderá conduzir a um disparo involuntário, levando o resto das forças a julgarem que teria sido dada ordem para abertura de fogo. Quando o comandante tiver necessidade de dar esta ordem, poderá indicar um número reduzido de atiradores.

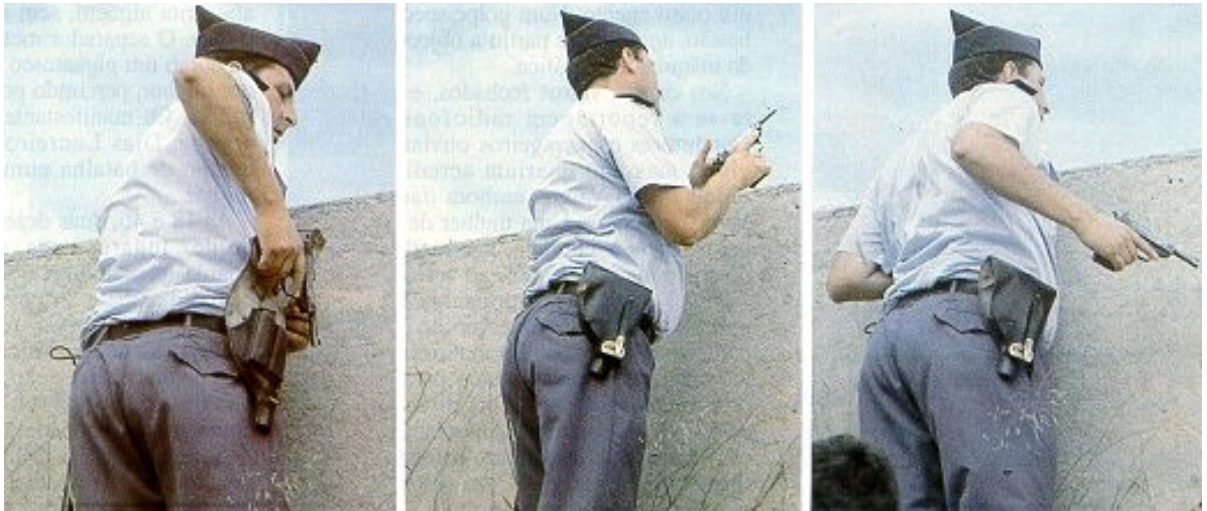
No caso da patrulha se deparar com uma situação que motive o recurso a arma de fogo, e não sendo possível ao militar mais antigo dar a ordem de introdução de munição na câmara, terá de ser o próprio militar a proceder em conformidade com o desenrolar da situação;

- Depois de abrir fogo, devem ser tomadas as seguintes medidas:
 - ◆ Identificar os feridos e prestar os primeiros socorros;
 - ◆ Solicitar assistência médica;
 - ◆ Caso tenham ocorrido mortes, não permitir que os corpos sejam removidos por parentes ou amigos;
 - ◆ Recolha de identidades de testemunhas neutras, que possam ter presenciado a situação;

- ◆ Preservar os meios de prova (localizando e referenciando vestígios dos disparos);
- ◆ Deter os suspeitos;
- ◆ Comunicar a ocorrência (de forma verbal e escrita).

É preciso, igualmente, não esquecer que a Comunicação Social pode aproveitar uma qualquer situação para denegrir a imagem das forças policiais, conforme se exemplifica através da legenda e fotografias a seguir indicadas:

“A sequência exemplar: um agente da GNR, emboscado atrás de um muro, tira a pistola e carrega-a. Agora, ninguém sabe quem atirou a matar” in Revista Visão n.º 66 de 27JUN94.



2.1 Adequação do estado de espírito/prontidão à situação

As potenciais situações de conflito que actualmente ocorrem a todo o momento na nossa sociedade, conduzem à necessidade dos agentes das Forças de Segurança, para salvaguarda da sua integridade física e da de terceiros, adoptarem uma atitude de prontidão, a qual se torna mais perceptível e real quando o agente se apercebe que a munição que entretanto introduziu na câmara pode ser aquela que lhe poderá salvar a vida.

Enquanto agente de uma Força de Segurança, o militar da Guarda pode, com efeito, ver-se envolvido numa situação conflituosa que pode ocorrer a qualquer momento em qualquer lugar, razão pela qual é preciso que esteja preparado para tal. É este estado de permanente prontidão que pode muitas das vezes superar a intromissão de um factor surpresa que claramente possa jogar contra o militar.

É preciso estar sempre preparado para lidar com situações difíceis, as quais podem mesmo envolver a utilização de uma arma de fogo. Também é evidente que é impensável estar num estado de permanente alerta. A análise constante do evoluir da situação deverá dizer ao militar se aquela é ou pode vir a ser uma situação de potencial perigo, obrigando-o a reagir em conformidade. O essencial é que não se deixe surpreender por qualquer evolução inesperada.

O militar deve assim procurar desenvolver um estado de espírito em que o surgimento de uma possível ameaça não constitua uma surpresa para si. Ao invés de perguntar o que se está a passar, ou a tentar perceber isso, o militar deve ter a consciência de que o que eventualmente possa estar a acontecer é algo que por si já era esperado. Em vez de enfrentar a situação com perplexidade, deve-a enfrentar com coragem e tenacidade.

A maior parte dos seres humanos têm alguma relutância em produzir violência contra os seus semelhantes. Efectivamente, mesmo ao ler estas linhas, o leitor não estará emocional e psicologicamente preparado para exercer violência contra alguém. Mesmo se fosse atacado repentinamente, demorariam alguns (preciosos) segundos até que se apercebesse aquilo que estava de facto a acontecer.

A reacção que muitas pessoas revelam à súbita violência é de descrença. A realidade é algo que, momentaneamente, lhes escapa. Tal é facilmente perceptível, porque a violência não é algo com que tenham de lidar diariamente, sendo esta falta de “estímulo” que acaba por conduzir a alguma acomodação.

Com alguma frequência, quando os agentes das forças policiais se envolvem em situações potencialmente perigosas, parecem inclinados a “negociar” uma saída pacífica duma situação que nada tem de pacífico. Para assegurar a execução das reacções mais adequadas, o militar precisa de desenvolver um estado crescente de alerta e prontidão. Isto auxilia-o na adopção das reacções mais apropriadas a qualquer tipo de situação, assim como a controlar eventuais tendências de “sobrereacções”. A melhor maneira para desenvolver isto é através da definição de um código de cores que representam diferentes estados de alerta e prontidão, relacionados com diferentes estados de espírito.

- **Condição branca** - O primeiro estado mental corresponde a um estado de vigilância normal, de alguma despreocupação relativamente ao ambiente circundante, correspondendo à situação que experienciamos quando estamos a dormir ou envolvidos numa qualquer tarefa, como por exemplo, ler um livro. Este estado é caracterizado pela cor branca, sendo de evitar sempre que estamos no desempenho do serviço e, em especial, quando estamos armados.
- **Condição amarela** - Se a condição branca corresponde, de certa forma, a um relaxamento praticamente total, a uma desatenção, esta condição amarela corresponde a algum relaxamento, mas de forma atenta. Quando nos encontramos neste estado, apercebemo-nos daquilo que se vai desenrolando à nossa volta. Digamos que, 99% das vezes o ambiente circundante pode não ser hostil, mas encontramos-nos prontos para a eventualidade da situação se inverter. Estamos atentos e em alerta.
- **Condição laranja** - Nesta condição apercebemo-nos da possibilidade de um problema específico relativamente ao qual começamos a desenvolver um plano táctico. Agora apercebemo-nos de que não só pode haver a possibilidade de usar uma arma como o alvo específico contra o qual a usar. Mentalmente, é fácil transitar da condição amarela para a laranja, mas não tanto da branca para a laranja.
- **Condição vermelha** - A transição da condição anterior para esta depende das acções do possível infractor. Atingimos a condição vermelha quando nos apercebemos de que é muito provável desenrolar-se uma situação com alguma violência, pelo que o nosso sistema está em alerta total e pronto para uma resposta imediata. Muito provavelmente a pistola poderá já estar empunhada e pronta para efectuar o primeiro disparo num curto espaço de tempo, aguardando apenas o momento ideal para iniciar a acção, o qual corresponde a uma acção suficientemente agressiva que, à luz da legislação vigente, justifique a nossa resposta. Esta será assim uma resposta condicionada, instantânea. Quando a luta começar não nos podemos prender a pormenores irrelevantes que nos possam condicionar a nossa acção. É preciso focar toda a atenção no desenrolar da situação. Não devemos pensar sequer na possibilidade de falhar um tiro. Se por acaso falharmos tal não deve ser motivo de preocupação, outras oportunidades surgirão, tal como também não devemos pensar que poderemos ser atingidos, contudo devemos sempre minorar o risco de tal vir a acontecer. A chave é concentrarmo-nos no momento que está a decorrer e nas tarefas a desenvolver, o que significa que estamos a focar a nossa concentração e atenção naquilo que estamos a fazer.

Mentalmente falando, existe uma linha muito ténue entre aquilo que experienciamos e aquilo que imaginamos, sendo este o segredo. Temos tendência a reagir antes, durante e depois de uma situação conflituosa da forma como programámos a nossa acção. Treinámos e

programámos as reacções adequadas a ter em determinadas situações, as quais devem ser o mais variadas possível, sendo dessa forma que esperamos vir a reagir.

Podemos também programar a forma como pensamos, através de treinos mentais baseados nas probabilidades com que nos podemos defrontar. Estes problemas táticos serão resolvidos mentalmente, imaginando-nos a ter o controlo completo do nosso corpo, a não vacilar perante a situação e a disparar com a precisão e eficácia adequada à situação, não nos preocupando tanto com o resultado. Visualizamos o adversário como alguém que está condenado pelos seus próprios actos, não sentindo quaisquer remorsos, quando não será a nossa própria integridade física, e a de eventuais terceiros, que poderá estar seriamente afectada.

É preciso aprender a controlar a nossa mente da mesma forma que é preciso aprender a disparar correctamente.

Todos estes processos que têm a ver com a **concentração nas tarefas**, a **visualização mental** e o **controlo corporal** são aspectos bastante desenvolvidos ao nível da prática de quase todas as modalidades desportivas. Se tiver curiosidade existe vasta bibliografia especializada sobre a matéria que lhe dará uma visão mais pormenorizada sobre o assunto.

Após a refega, existirá provavelmente a sensação de alívio seguida por uma sensação de cumprimento da missão e de exaltação por estarmos vivos. Este sentimento poderá durar alguns dias, havendo também a tendência para contar o sucedido a todos os camaradas e amigos. É preciso resistir a esta manifestação entusiástica, tornando-se antes necessário manter muita discrição.

Existirão aqueles que, eventualmente, nos criticarão, nos acharão rudes, independentemente da nossa acção ter sido legal e necessária, tornando-se mesmo inconvenientes. Para quem procede assim, a melhor resposta a dar é ignorar a sua presença.

É igualmente necessário estarmos preparados para eventuais referências pouco abonatórias por parte da comunicação social, pelo que, se agimos em consciência e dentro da legalidade, cumprimos a nossa missão.

Antes de irmos à luta é preciso estarmos alerta, estarmos prontos e decididos. Durante a luta, concentremo-nos na solução dos problemas que nos forem surgindo, o que implica termos sempre a preocupação de disparar com eficácia. Depois da luta, devemos estar conscientes de ter cumprido o nosso dever, mas mantendo sempre a tal descrição.